



UNIVERSIDADE  
E D U A R D O  
MONDLANE

**Faculdade de Letras e Ciências Sociais**

**Departamento de Línguas**

**Secção de Português**

**PORTEFÓLIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

**Jéssica Massinda Machaieie**

Maputo, Março de 2025

**Jéssica Massinda Machaieie**

**PORTEFÓLIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Portefólio apresentado a Faculdade de Letras e Ciências Sociais como um dos requisitos para obtenção do grau de Licenciatura em Ensino de Português.

**Supervisor:** Prof. Dr. Etelvino Guila

Maputo, Março de 2025

## **DECLARAÇÃO DE HONRA**

Declaro que o presente trabalho de fim de curso é resultado da minha investigação pessoal, que todas as fontes estão devidamente referenciadas e que nunca foi apresentado para a obtenção de qualquer grau nesta universidade ou em qualquer instituição.

Assinatura

---

(Jéssica Massinda Machaieie)

**Jéssica Massinda Machaieie**

**Portefólio de estágio supervisionado**

Portefólio avaliado como requisito para obtenção do grau de licenciatura em Ensino de Português pela Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Maputo, Março de 2025

Supervisor : Prof. Doutor  
Etelvino Guila

---

1° Vogal : Prof. Doutora  
Názia Bavo

---

2° Vogal : dr. Célio Ouana

---

## **DEDICATÓRIA**

Este trabalho é especialmente dedicado a minha mãe Florinda Magaia.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar agradeço a Deus, por ter-me concedido conhecimento, saúde e motivação para vencer os desafios enfrentados durante a realização desta longa caminhada acadêmica.

Um grande agradecimento à minha família. Ao meu pai Wintar Machaieie, a minha mãe Florinda Loureço, ao meu noivo Mário Chavango e as minhas fiéis irmãs Imelda Machaieie e Cecília, cujo amor, paciência e apoio incondicional foram essenciais durante todo o meu percurso acadêmico, eles foram a minha fortaleza.

Um grande agradecimento as minhas colegas da faculdade pelo companheirismo, por estarem ao meu lado durante a jornada, o vosso apoio, as trocas de ideias foi essencial na minha caminhada acadêmica, em especial a Arlete Delfino, Angélica Gilberto, Rosália Lumbela, Cacilda Tinga e Helena Moira.

Agradeço de forma especial ao meu supervisor Doutor Etelvino Guila, pela paciência e delicadeza na forma como orientou-me para concretização do presente portefólio.

Agradecer aos docentes e corpo técnico administrativo da Faculdade de Letras e Ciências Sociais por terem feito um bom acompanhamento estudantil.

Por último, agradeço a todos que contribuíram para realização deste portefólio e que por várias razões os seus nomes não foram mencionados, em especial aos alunos e professores da Escola Secundária Mártires de Mbuzine.

## RESUMO

O portefólio no processo de ensino e aprendizagem é um instrumento que propicia a reflexão da prática, é importante que ocorram postagens das evidências e reflexão sobre elas, pois consistem na relação de prática e de mudanças que ocorreram durante as experiências vividas. O processo de ensino-aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento humano e social pois molda a identidade, as habilidades e o entendimento do mundo. Ensinar é o acto de transmitir/repassar conhecimentos habilidades necessárias, com o objectivo de que o aluno aprenda. São os principais agentes do processo de ensino e aprendizagem o professor e o aluno, o professor desempenha o papel de mediador e gerenciador do conhecimento, conhecer o aluno deve fazer parte da sua prática educativa na escola respeitando as diferenças e o limite de cada um, por sua vez o aluno no processo de ensino e aprendizagem desempenha a função de protagonista, sendo responsável pela construção do seu próprio conhecimento. No presente portefólio apresenta-se uma reflexão que pretende analisar de forma crítica a influência de condições da estrutura física da Escola Secundária Mártires de Mbuzine no processo de ensino e aprendizagem. A escola está localizada no Bairro Magoanine C, quarteirão 117, na avenida Graça Machel no distrito Municipal Kamubukwana. O processo de ensino e aprendizagem é uma actividade intencional e, nesta condição, requer uma planificação, a começar pelo nível central, da escola e da aula. Para o processo de mediação da língua portuguesa foi necessário utilizar algumas actividades como: leitura de textos, a produção escrita, a oralidade e a análise linguística. Durante o estágio foi possível compreender que o professor, tem o papel de mediador no processo de ensino-aprendizagem, portanto a presente reflexão visa mostrar a função do local de estágio na construção do conhecimento e da entidade docente. Estivemos envolvidos em vários desafios e constante aprendizado durante o estágio na escola Secundária Mártires de Mbuzine, dos quais citaremos: dificuldade para se inserir na turma, alunos frontais (indisciplinados) e dificuldade para leccionar alguns temas.

**Palavras-chave:** Ensino aprendizagem, escola, planificação, mediação e Avaliação, aprendizagem construída.

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	1
1. REFLEXÃO SOBRE A ESCOLA SECUNDÁRIA MÁRTIRES DE MBUZINE.....	2
1.1. Estrutura física da Escola Secundária Mártires de Mbuzine.....	2
1.2. Organização das salas de aulas.....	3
2. REFLEXÃO SOBRE O PROCESSO DE PLANIFICAÇÃO.....	5
2.1. Plano Quinzenal .....	5
2.2. O plano de aula diário. ....	6
3. REFLEXÃO SOBRE A MEDIAÇÃO DA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA .....	8
4. REFLEXÃO SOBRE O PROCESSO DE AVALIAÇÃO .....	11
5. REFLEXÃO SOBRE AS APRENDIZAGENS CONSTRUÍDAS .....	13
CONCLUSÃO .....	16
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	18
ANEXOS .....	20
APÊNDICES.....	29

## **Lista de abreviaturas**

- 1- AS -Avaliação semestral
- 2- ACS- Avaliação contínua e sistemática
- 3- UEM – Universidade Eduardo Mondlane
- 4- TPC- Trabalho para casa

## INTRODUÇÃO

O Portefólio é continente de diferentes classes de documentos (notas pessoais, experiências de aula, trabalhos pontuais, acompanhamento do processo de aprendizagem, conexões com outros temas fora da escola, representações visuais, dentre outros) que proporciona uma reflexão crítica do conhecimento construído, das estratégias utilizadas, e da disposição de quem o elabora em continuar aprendendo Hernández (2000). É esse instrumento que reflecte a trajetória desse saber construído. Também possibilita aos alunos e professores uma compreensão maior do que foi ensinado Vieira (2002).

A importância deste portefólio prende-se nas reflexões sobre os processos de aprendizagem que estivemos envolvidos na Escola Secundaria Mártires de Mbuzine, está dividido em cinco secções: A primeira secção inclui elementos pré-textuais, integrando os componentes que contêm informações indispensáveis para a identificação e utilização do trabalho.

A segunda secção é constituída por reflexões (subsecções) acerca dos processos relativos às práticas pedagógicas, onde na primeira reflexão fala-se da influência de condições da estrutura física da Escola Secundária Mártires de Mbuzine no processo de ensino e aprendizagem, na segunda Reflexão, fala-se sobre o processo de planificação, onde o processo de ensino e aprendizagem é uma actividade intencional e, nesta condição, requer uma planificação, a começar pelo nível central, da escola e da aula. Na terceira reflexão fala-se da mediação da aprendizagem da língua onde na mediação se efectua a percepção dos objectos e fenómenos conectados ao tema, a formação de conceitos imaginação e o raciocínio dos alunos. Na quarta reflexão fala-se sobre o processo de avaliação, nesta secção esse estivemos envolvidos em dois tipos de avaliação: A avaliação oral e a Avaliação escrita. Na quinta reflexão, fala-se sobre as aprendizagens construídas, pois actualmente não se pede um professor que seja transmissor de informações, ou que aprende no ambiente escolar o que vai ser ensinado aos alunos, mas um professor que produza o conhecimento em sintonia com o aluno. Não é suficiente que ele saiba o conteúdo de sua disciplina, ele precisa também conhecer o aluno.

A terceira secção, faz-se a apresentação da conclusão, as secções quatro e cinco estão reservadas aos elementos pós-textuais. Assim sendo, na secção quatro teremos as referências bibliográficas e nas cinco os anexos e os apêndices, na sequência vamos discutir todas as secções de forma sucinta.

## **1. REFLEXÃO SOBRE A ESCOLA SECUNDÁRIA MÁRTIRES DE MBUZINE**

A presente reflexão pretende analisar de forma crítica a influência de condições da estrutura física da Escola Secundária Mártires de Mbuzine no processo de ensino e aprendizagem. A escola está localizada no Bairro Magoanine C, quarteirão 117, na avenida Graça Machel no distrito Municipal Kamubukwana.

Segundo Ferreira (2000) reflexão significa ato ou efeito de reflectir, visando assim corrigir o que for necessário ou reforçar as acções que deram certo, e que portanto devem ser repetidas. Por sua vez, Schon (2000) afirma que reflexão é a acção baseada nas experiências vividas pelo indivíduo.

Nesta senda, na presente reflexão iremos reflectir sobre a estrutura física e suas implicações no processo de ensino-aprendizagem dos alunos da Escola Secundária Mártires de Mbuzine, durante os dois trimestres do dia 07 de Junho á 25 de Outubro de 2024. Tomando como evidência a credencial e o relatório fornecido pela escola, (anexos a e b).

Durante o período do estágio, foi possível observar a estrutura física da escola. De acordo com a classificação proposta pelo Regulamento de Organização e Funcionamento da Escola Secundária (2023), no artigo 7,número 3,o estabelecimento de ensino em alusão é do tipo C, uma vez que possui menos de 20 salas de aulas.

Para além das infra-estruturas constantes do cadastro, esta escola funciona em edifícios próprios construídos em locais adequados aos fins educativos, com mobiliário, material adequado, equipamento mínimo e com boas condições de salubridade, conforme o previsto no artigo 8, número 1, do documento em referência.

### **1.1.Estrutura física da Escola Secundária Mártires de Mbuzine**

A infra-estrutura é o conjunto de elementos ou serviços considerados necessários para que uma organização possa funcionar ou para que uma actividade se desenvolva efectivamente Gonçalves (2007).

A Escola Secundária Mártires de Mbuzine, sendo relativamente recente, ela oferece aos seus alunos uma boa diversidade de espaços físicos que contribuem para o bom desenvolvimento das actividades do dia-a-dia desta escola, influenciando, assim, positivamente, no processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Do leque dos espaços que compõem a infra-estrutura da escola destacam-se o pátio bem amplo e esverdeado, uma sala de informática, uma biblioteca, três laboratórios de Química, Física e

Biologia, uma sala dos professores, uma cantina, uma reprografia, e um departamento de salas da direcção contendo uma sala do director, duas salas dos directores pedagógicos do 1º e 2º e uma sala da secretária. Abaixo veremos qual é a implicação desses departamentos no processo de ensino e aprendizagem dos alunos:

A sala de informática contém vinte computadores todos em boas condições, como meio de ensino na leccionação das diferentes disciplinas, esperando-se desta forma uma exploração dos recursos disponíveis pelas novas tecnologias que fazem parte do dia-a-dia.

De três laboratórios de Química, Física e Biologia com excelentes condições para receber mais de três turmas em simultâneo, os mesmos que são muito importantes no processo de ensino-aprendizagem Brodin (1978) destaca que o laboratório é o elo que falta entre mundo abstracto dos pensamentos e ideias e o mundo concreto das realidades físicas, o papel do laboratório é, portanto, o de conectar dois mundos da teoria e da prática.

A cantina facilita a busca de refeições para os alunos assim como os participantes nas actividades educativas, facilitando o processo de ensino-aprendizagem, pois com a existência da mesma, os alunos não precisam se deslocar para fora das infra-estruturas da escola, evitando assim possíveis distrações.

Por seu turno, a reprografia, onde toda a comunidade escolar pode adquirir o material didáctico necessário, uma sala dos professores bem ao lado da reprografia com condições adequadas para o descanso dos professores Telmo Caria (2000) afirma que este espaço de colectivização docente é parte integrante e importante da cultura escolar, pois produz o nível de interacção e de aprendizagens entre pares.

A escola Secundária Mártires de Mbuzine possui um departamento da direcção devidamente equipado com salas suficientes para todos os participantes da direcção, o director, os directores pedagógicos. Facilitando assim o processo de planificação das actividades curriculares.

Portanto, uma escola como a escola em estudo com a infra-estrutura em condições desempenha um papel um papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, pois proporciona um ambiente mais favorável para o desenvolvimento de diversas habilidades.

## **1.2.Organização das salas de aulas**

Nesta subsecção da nossa reflexão, iremos reflectir sobre as salas de aulas da escola onde decorreram as nossas práticas pedagógicas, iluminados pela ideia defendida por Tavares

(2000), segundo a qual é importante reflectir sobre a organização do espaço sala de aula como meio de facilitar a interacção.

O espaço físico da sala de aula possui elementos que, conforme a sua organização, constituem um determinado ambiente de aprendizagem que irá, conseqüentemente, condicionar a dinâmica de trabalho e as aprendizagens que aí se poderão efectuar Forneiro (2008).

As salas de aula da Escola Secundária Mártires de Mbuzine apresentam estrutura comum em nosso contexto. Trata-se de construções rectangulares, com janelas de um lado, um quadro-negro na frente e uma porta perto da frente, na parede. De acordo com Erickson (2001), este tipo de edificações favorecem que os alunos se posicionem sentados em fileiras ou semicírculo.

Podemos observar que o ambiente escolar, precisamente, as salas de aulas da escola em referência respondem positivamente às exigências de uma sala de aula que facilitam a ocorrência do processo de ensino-aprendizagem, pois as mesmas possuem 25 carteiras, onde os alunos sentam-se em duplas, em cada sala encontra-se um número máximo de 45 alunos, seguindo assim a classificação proposta pelo Regulamento de Organização e Funcionamento da Escola Secundária (2023), no artigo 65,número 2.

As salas têm a disposição dos professores e alunos quadros duplos que facilitam o processo de ensino-aprendizagem. Segundo Ferrão (2001), os quadros duplos permitem aos alunos e professores uma escrita mais legível e organizada, além de facilitar a elaboração de diagramas e esquemas. Partilhando da ideia do autor, os quadros duplos facilitam o processo de ensino-aprendizagem, pois enquanto leccionava-se, buscou-se explorar as vantagens dos quadros duplos, colocando actividades em grupos distintos de uma forma heterogenica, isto é, a professora colocava para cada grupo uma certa actividade, e para outro grupo outra actividade, porém sem fugir dos objectivos da aula.

A par do mobiliário referido anteriormente, em cada sala há uma secretária adequada para o professor, janelas adequadas que facilitam o arejamento das salas, uma porta adequada trazendo uma grande valia para os alunos, pois o espaço físico da sala adequado proporciona uma aprendizagem mais produtiva para os alunos.

A forma como estão dispostos os mobiliários na escola em estudo, portanto, influencia na aprendizagem dos alunos, posto que o modo de organização do espaço tem uma influência directa sobre os padrões de comunicação e sobre as relações entre professores e alunos, que afecta o grau com que estes controlam os conteúdos e tornam a sua aprendizagem independente.

## **2. REFLEXÃO SOBRE O PROCESSO DE PLANIFICAÇÃO**

O processo de ensino e aprendizagem é uma actividade intencional e, nesta condição, requer uma planificação, a começar pelo nível central, da escola e da aula. Neste sentido, a planificação do ensino-aprendizagem assume carácter de obrigatoriedade para o professor, o plano de ensino determina os objectivos a que se pretende chegar e o conteúdo a mediar e, ademais, algumas características fundamentais da estruturação didáctica metodológica e organização do ensino Nivagara (2004).

Segundo o mesmo autor, planificação é uma actividade corrente em todas as actividades humanas, especificamente as que são realizadas de forma intencional. Este posicionamento pode ser comparado ao de Pilleti (2004) ao afirmar que planificação é um processo que consiste em preparar um conjunto de decisões, visando atingir determinados objectivos, assumindo uma atitude seria e curiosa diante de um problema.

Neste âmbito, a presente reflexão visa analisar todo processo de planificação em que estivemos envolvidos enquanto estagiária na Escola Secundária Mártires de Mbuzine, todas as dificuldades envolvidas, os constrangimentos e os métodos usados para ultrapassar todas as dificuldades no processo de ensino-aprendizagem.

Por conseguinte, iremos nos focar em dois tipos de planificação, em virtude de ser a que pudemos realizar no nosso campo de estágio, designadamente: planificação quinzenal e plano diário de aulas.

### **2.1. Plano Quinzenal**

A planificação assume grande importância na prática educacional. Ela exige muita dedicação, capacidade de articular e reflectir e também muito estudo, para que se traduza em resultados positivos. O professor deverá seleccionar, organizar e apresentar o conteúdo ao aluno, recorrendo a imaginação e a criatividade, a fim de garantir o interesse do aluno e, ao mesmo tempo, ir ao encontro das suas necessidades.

O planeamento é uma ferramenta estratégica essencial para a organização e gestão de processos educativos, devendo ser flexível e permitir ajustes constantes para alcançar as metas propostas. Leite (2005).

O plano de aula quinzenal é uma ferramenta de planeamento que divide as actividades e objectivos a serem alcançados ao longo de um período de 15 dias, ou seja, uma quinzena. Este tipo de plano é utilizado para organizar e estruturar acções, metas e actividades que precisam

ser realizadas em um curto espaço de tempo, permitindo um acompanhamento mais próximo e ajustes rápidos.

O plano quinzenal, desempenhou um papel importante durante o estágio, porque alguns planos analíticos que recebemos durante os dois trimestres vinham com algumas falhas, algumas actividades repetidas de forma desnecessária. Essas falhas só foram constatadas através do processo de planificação quinzenal. Após constata-las o grupo da disciplina fez ajustes imediatos de forma a ultrapassá-la. Portanto, foi assim que conseguimos ultrapassar algumas dificuldades. Para essa análise, toma-se como evidência o plano quinzenal elaborado pelo grupo de disciplina (ver apêndice A)

O plano quinzenal permitiu aos professores reflectir sobre as necessidades imediatas das suas turmas e fazer ajustes ao longo do caminho, sempre com o foco no alcance dos objectivos proposto, contribuindo assim positivamente no processo de ensino-aprendizagem.

### **2.2.O plano de aula diário.**

Segundo Pilleti (2004) o plano diário de aula é elaborado em quatro etapas, que são: Conhecimento da realidade, elaboração do plano, execução do plano, avaliação e aperfeiçoamento do plano. Para essa análise, toma-se como evidências dois planos de aula assistidos pela professora titular (ver apêndice B e C).

O autor fala do conhecimento da realidade no sentido de que é necessário conhecer a realidade do aluno, isto é, o ambiente em que este está inserido, as capacidades do aluno bem como as suas dificuldades. Em suma, é necessário conhecer o aluno para não correr o risco de elaborar um plano que não permita alcançar os objectivos traçados.

Trabalhando com duas turmas, com execução dos planos de aulas e a sua conseqüente avaliação e aperfeiçoamento, foi possível perceber que o plano de aula diário diferente dos outros planos, deve ser flexível e tomando em conta cada realidade da turma, concretamente os seus conhecimentos prévios e os seus ritmos de aprendizagem, considerando que são sujeitos diferentes.

Com plano diário, trabalhando com duas turmas, percebemos que o plano deve ser feito de acordo com a realidade de cada turma e as suas dificuldades, para que o processo de ensino-aprendizagem seja efectivo, uma vez que cada turma tem a sua dinâmica e, portanto, é necessário que seja feito de maneira flexível. Segundo Sanaai (2010) a flexibilidade do plano de aula permite que o professor faça intervenções pedagógicas eficazes e personalize o ensino,

o que é essencial para promover a aprendizagem significativa, o autor argumenta que o ensino deve ser planeado, mas também deve se ajustar ao contexto ao ritmo e as características dos alunos.

O plano de aula diário é também uma ferramenta de organização. Ele permite ajustes durante a aula, caso algum conteúdo precise de mais tempo ou os alunos demonstrem dificuldades que demandem outra abordagem.

Portanto, é tarefa do professor ter o pleno domínio das organizações sistemáticas de funcionamento do planeamento didáctico para poder intervir nas situações técnicas académicas e pedagógicas da escola. Assim, o professor precisa capacitar-se intelectualmente e constituir de forma planejada seus ensinamentos não centralizando o processo de gestão nem o sistema de ensino de forma autónoma, mas democrática.

### 3. REFLEXÃO SOBRE A MEDIAÇÃO DA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA

Em relação a aula, Libânio (1990) diz que devemos entender a aula como um conjunto de meios e condições pelos quais o professor dirige e estimula o processo de ensino em função de aprendizagem escolar, ou seja, a assimilação consciente e activa dos conteúdos.

Segundo Piletti (2004) a mediação se efectua a percepção dos objectos e fenómenos conectados ao tema, a formação de conceitos imaginação e o raciocínio dos alunos.

Segundo Nivagara (2004) a aula é a forma fundamental de organização do ensino pois segundo este, aula é um período de tempo variável destinado ao estudo de um tema ou uma unidade de ensino onde o professor orienta o ensino visando a aprendizagem dos alunos em função dos objectivos determinados. Este pensamento de Nivagara não se distancia de Libânio (1994) que acredita que aula é uma situação didáctica na qual se colocam objectos, problemas, conhecimentos, desafios com fins instrutivos e formativos que incitam a criança e jovem a aprender. Estes dois autores coincidem pelo facto de verem a aula como um acto didáctico que se realiza por dois elementos, o professor e o aluno que são os protagonistas do processo de ensino-aprendizagem.

A presente reflexão visa examinar os processos e os produtos relativos às práticas de mediação da língua, que estivemos envolvidos enquanto estagiária na Escola Secundaria Mártires de Mbuzine. Para o processo de mediação da língua portuguesa foi necessário utilizar algumas actividades como: leitura de textos, a produção escrita, a oralidade e a análise linguística.

Todavia percebemos que os alunos tinham dificuldades de leitura da língua não respeitavam os sinais de pontuação e os acentos gráficos nas palavras, foi necessário sempre respeitar os momentos de aula como formas de ultrapassar as dificuldades dos alunos: apresentar o tema aos alunos, exploração do nível de percepção do conteúdo através da recapitulação das aprendizagens anteriores, explicação dos conteúdos e fenómenos que iriam garantir a sistematização deles no intelecto do aluno, possibilitando a clareza e armazenamento do mesmo conhecimento para posterior utilização.

Segundo Bertrand (1950), o professor em algumas aulas deve expor um problema para os alunos resolverem num debate na turma no geral ou em grupos, de modo que o aluno aprenda também a partir dos comentários que outros colegas darão, então, isso deixa claro que nem sempre o aluno irá aprender com o professor, neste sentido durante o processo de mediação, os alunos eram submetidos a conversas com vista a explorar a criatividade e participação deles, e possíveis correcções imediatas.

O mesmo autor afirma que o professor deve criar situações em que o aluno irá aprender, afirma ainda que, se o professor expor um problema e de seguida ele mesmo responder o conhecimento não será significativo, não lhe será útil, sendo que um conhecimento se considera compreendido se o aluno saber usar o que aprende no seu quotidiano, caso contrário não teria ocorrido aprendizagem, por conseguinte o aluno usará o conhecimento para as provas e na vida não terá mudado nada.

Nessa senda, os alunos eram orientados que fizessem um mini, glossário no seu caderno, que era para que sempre que aprendessem uma palavra nova, ou conseguissem pronunciar devidamente uma palavra, na próxima aula tentassem usar, já em um contexto diferente. Essa estratégia foi significativa para os alunos, pois os mesmos já vinham sempre a aula com uma palavra nova e entusiasmados para usa-la assim enriquecendo o seu vocabulário e aprendendo a língua. Criando assim mais interesse e vontade para os alunos um pouco preguiçosos.

Para que possa haver a aprendizagem é preciso um processo de assimilação activa que para ser efectivo necessita de actividades práticas em várias modalidades e exercícios, nos quais se pode verificar a consolidação e aplicação prática de conhecimentos e habilidades. Libâneo (1994).

Foi necessário proporcionar aos alunos textos em diversos géneros, os quais possibilitassem a aquisição da leitura e sua referida compreensão, visando à promoção do aluno em acções reflexivas e críticas em sua actuação social. É importante permear o ensino explícito da compreensão da leitura por meio do ensino de estratégias de leitura para os alunos, a leitura é considerada um dos saberes mais significativos, visto que desenvolve habilidades para a compreensão da vida e facilita a aprendizagem da língua.

Relativamente a produção escrita, embora estivéssemos a trabalhar com alunos do 2º ciclo do ensino secundário, eram notáveis as dificuldades de escrita que eles apresentavam, portanto foi necessário, estimular os alunos ao gosto pela escrita para o efectivo domínio da língua.

Nesse sentido, os alunos escreveram os seus textos para que esses fossem lidos pelos colegas, no caso estávamos a falar dos textos jornalísticos em particular a crónica da actualidade atribuindo à escrita, dessa forma, o fundamento básico da linguagem.

A escrita é uma actividade que envolve várias tarefas, às vezes sequenciais, às vezes simultâneas. Há também idas e vindas: começa-se uma tarefa e é preciso voltar a uma etapa anterior ou avançar para um aspecto que seria posterior Garcez (2002). Assim sendo, escrever é um processo que envolve inúmeras fases. Sercundes (2000), tratando das actuais práticas que

envolvem o processo de escrever em sala de aula, descreve duas dessas fases em suas análises: a escrita com preparação prévia e a reescrita.

Esse processo interactivo possibilitou a alteração de atitude dos alunos em relação aos seus textos e, também, aos de seus colegas. Com isso, apresentando uma mudança de atitude dos alunos com a escrita, uma vez que passaram a entendê-la, e utilizá-la, como um processo interactivo, ideológico e importante. E em decorrência dessa postura, chegaram até a afirmar que escrever, textos e avaliar, foi uma actividade prazerosa.

Ressaltamos que, nessa abordagem, dois princípios fundamentais que devem alicerçar o referente de ensinar a língua: o papel do professor e a concepção de escrita leitura. O professor deve assumir o papel de mediador/facilitador do processo de ensino e aprendizagem, nessa perspectiva, agir como um dos interlocutores do aluno. Destacamos que, quando os alunos interagiram com o professor de forma amigável, assumiram o papel de mediadores/facilitadores, esse fato foi destacado como algo extremamente positivo, sendo destacado como um factor determinante para considerar o processo de ensino e aprendizagem da língua.

#### 4. REFLEXÃO SOBRE O PROCESSO DE AVALIAÇÃO

Avaliar é o processo de determinar até que ponto os objectivos educacionais foi efectivamente alcançado pelo programa do currículo e instrução” Tyler (1949). Para Domingos, Neves e Galhardo (1987), a avaliação da aprendizagem pode ser definida como um processo sistemático de determinar a extensão em que os objectivos educacionais foram alcançados pelos alunos. Assim, a avaliação implica um processo sistemático que omite uma observação casual e incontrolada dos alunos e pressupõe, sempre, uma identificação prévia de objectivos educacionais visto que sem objectivos previamente determinados é evidentemente impossível julgar a extensão do progresso e é impossível também qualquer correcção.

A presente reflexão visa analisar criticamente todo processo de avaliação que estivemos envolvidos enquanto estagiária da Escola Secundaria Mártires de Mbuzine. Durante esse processo estivemos envolvidos em dois tipos de avaliação: A avaliação oral e a avaliação escrita.

Dentre tantos aspectos a serem tratados no que diz respeito ao processo de ensino aprendizagem, salienta-se a utilização da avaliação oral, os alunos foram submetidos a uma avaliação oral dividida em grupos, em que cada grupo tinha que pesquisar um determinado tema, a posterior apresentar, essa avaliação desempenhou um papel importante, pois foi necessário que os alunos procurassem maneiras ou estratégias para expressar as suas ideias, isso proporcionou aos mesmos o senso critico e estimulou a oralidade.

O trabalho com a oralidade deve ser realizado desde os primeiros anos da educação escolar, com vista a aperfeiçoar a competência comunicativa do aluno nos mais diversos contextos sociais em que possa vir a interagir.

Segundo o Regulamento os testes são provas para avaliar o nível de desenvolvimento das competências dos alunos, nesse sentido ainda segundo o Regulamento os testes podem ser escritos, orais, e práticos, os testes orais são actividades que envolvem diálogo interactivo entre os actores do processo de ensino e aprendizagem.

O teste oral inclui aspectos como (explicações sobre um determinado conteúdo desenvolvido de um tema, demonstração no quadro), este teste serve para identificar o nível de assimilação dos conteúdos da aula ou das aulas anteriores e deve estar previsto no plano da lição.

Nesse processo de avaliação, enfrentamos algumas dificuldades relativamente as avaliações orais, verificamos que os alunos tendem a resistir a mudança, pois estão acostumados as avaliações escritas com perguntas fechadas (múltipla escolha) para o caso particular da 11ª

classe, quando se depararam com as avaliações orais, acharam difíceis, muitas vezes por desconhecimento de como as mesmas podem beneficiar no processo de ensino e aprendizagem.

Tentamos inculcar nos alunos a importância das avaliações orais, trazendo pontos como: as avaliações orais ajudam no esclarecimento de dúvidas imediatas, a linguagem usada é clara e simples, deixando o aluno avaliado mais à vontade e permitindo que os outros tenham uma melhor compreensão sobre o que está a se explicar.

A avaliação escrita se torna um instrumento que o professor deve adotar. Libâneo (2013) afirma que, por meio dela, os resultados são obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos, e são comparados com os objetivos propostos, a fim de constatar progressos, dificuldades e reorientar o trabalho para correções necessárias.

A avaliação Somativa (AS), por ser uma avaliação escrita foi bem recebida pelos alunos, porém não esperavam que pudesse conter perguntas abertas, pois como já havíamos mencionado acima os alunos estão acostumados a avaliações escritas com perguntas fechadas (múltipla escolha). O grupo de professores estagiários elaborou um teste de perguntas abertas e de perguntas fechadas (múltipla escolha), (ver anexo **d**, **e**, **f**) tendo em conta que as perguntas abertas permitem que os alunos expressem suas opiniões ou explicações em suas palavras, sem restrições. As perguntas abertas contêm várias alternativas possíveis, não se procura sugerir respostas, se objetiva a coleta de respostas nas próprias palavras do aluno. Enquanto a pergunta fechada obriga o aluno a selecionar.

Após a entrega e correção da avaliação, percebeu-se que as notas negativas eram resultantes de dificuldades de escrita e interpretação dos textos por parte dos alunos, uma vez que, os mesmos já estavam acostumados aos testes de perguntas fechadas (múltipla escolha), para ultrapassar essas dificuldades, recorreremos a aprendizagem baseada em tarefas, para sustentar segundo Aurélio (1999), a palavra tarefa significa o trabalho que deve ser executado dentro de um prazo ou qualquer tarefa que se faz por dever ou necessidade.

Contudo, veremos que Piletti (2004) apresenta uma definição mais completa acerca da palavra e define tarefa como “uma atividade que requer uma resposta a ser dada pelos alunos a partir de uma informação previamente fornecida por meio de algum processo de pensamento que permite aos professores controlar e regular este processo.

Portanto foram usados esses métodos para superar as dificuldades, apresentadas pelos alunos durante esse processo de avaliação.

## 5. REFLEXÃO SOBRE AS APRENDIZAGENS CONSTRUÍDAS

Por muito tempo a prática educativa era centrada no professor, este repassava os conteúdos e os alunos absorviam ou memorizavam sem qualquer reflexão ou indagação. Ao final, o conteúdo era cobrado em forma de uma avaliação. Esse tipo de informação; repassada e memorizada, destoa completamente da proposta de um novo ensino na busca da produção do conhecimento. Essa prática pedagógica em nada contribui para o aspecto cognitivo do aluno.

Actualmente não se pede um professor que seja transmissor de informações, ou que aprende no ambiente escolar o que vai ser ensinado aos alunos, mas um professor que produza o conhecimento em sintonia com o aluno. Não é suficiente que ele saiba o conteúdo de sua disciplina, ele precisa também conhecer o aluno. Conhecer o aluno faz parte do papel desempenhado pelo professor pelo fato de que ele necessita saber o que ensinar, para quem e para quem, ou seja, como o aluno vai utilizar o que aprendeu na escola em seu dia-a-dia.

Dessa forma, Libâneo (1998) afirma que o professor medeia à relação activa do aluno com a matéria, inclusive com os conteúdos próprios de sua disciplina, mas considerando o conhecimento, a experiência e o significado que o aluno traz à sala de aula, seu potencial cognitivo, sua capacidade e interesse, seu procedimento de pensar, seu modo de trabalhar.

Durante o estágio foi possível compreender que o professor, tem o papel de mediador no processo de ensino-aprendizagem, portanto a presente reflexão visa mostrar a função do local de estágio na construção do conhecimento e da entidade docente.

Estivemos envolvidos em vários desafios e constante aprendizado durante o estágio na escola Secundária Mártires de Mbuzine, dos quais citaremos: dificuldade para se inserir na turma, alunos frontais (indisciplinados) e dificuldade para leccionar alguns temas.

O primeiro dia de leccionação nas turmas B2.1 e B2.2, não foram fáceis, visto que os alunos já tinham passado por duas trocas de professores de língua portuguesa, no momento eles acharam que fosse mais uma troca e ficaram desconfortáveis com a situação, foi necessário estabelecer uma postura acolhedora e receptiva para com os mesmos, mostrar disponibilidade e interesse em conhecer cada um e suas particularidades explicando as nossas regras e o que se esperava deles como alunos e dar espaço para eles falarem o que esperavam da professora, só assim é que conseguimos ultrapassar essa barreira, e acordo com Aurélio (1999), se os professores entrassem nos mundos que existem na distração dos seus alunos, eles ensinariam melhor. Tornar-se-iam companheiros de sonho e invenção, portanto foi essa usando essa perspectiva

que pudemos tornar o contacto alunos/professor mais leve. Vindo a ter aulas mais dinâmicas e o processo de ensino-aprendizagem mais significativo.

Relativamente aos alunos frontais (indisciplinados), porque trabalhávamos com duas turmas B2.1 e B2.2, foi possível acompanhar e fazer uma comparação das turmas, vindo a perceber que a turma B2.2 era composta por alunos mais indisciplinados e frontais, visto que a maioria eram repetentes da disciplina de língua portuguesa, todavia foi necessário usar algumas estratégias e recorrer a métodos para ultrapassar esse problema, pois essa postura atrapalhava a aula. Veiga (2007) defende que por “indisciplina entende-se a transgressão das normas escolares, prejudicando as condições de aprendizagem, o ambiente de ensino ou o relacionamento das pessoas na escola é todo um conjunto de condutas infractoras que impedem ou dificultam o decorrer do processo de ensino-aprendizagem.

Uma vez que a professora tinha como objectivo proporcionar um ambiente acolhedor e produtivo para os alunos, para sanar esse problema de indisciplina, estabeleceu limites aos alunos, dando a conhecer aos mesmo até onde eles devem chegar e quais são as consequências dos seus actos, explicando em todas as aulas antes da leccionação a importância do respeito mútuo, ao invés de punições severas, focamos em reforçar os comportamentos positivos com recompensas, elogios e reconhecimento. Essas foram as estratégias para ultrapassar esse problema e podemos perceber que depois de duas semanas o comportamento dos alunos já melhorava, ajudando assim o processo de ensino-aprendizagem, seguindo a lógica de Sava (2002) identificou algumas qualidades do professor que promovem um relacionamento positivo entre o docente e os alunos numa sala de aula, afectividade positiva, atitude envolvente, assertividade e capacidade de resposta, imediatismo do professor e seu poder e baixo tratamento diferencial.

No que diz respeito a dificuldade para leccionar alguns temas, nesse ponto foi possível perceber que antes de trazer um tema é necessário fazer a recolha dos conhecimentos prévios dos alunos, pois permite ao professor entender em que ponto os alunos se encontram e como proceder para melhor compreensão, Segundo os estudos de Piaget (1975), os conhecimentos prévios assumem um importante papel no processo de construção do conhecimento, pois quando novos estímulos são incorporados à estrutura cognitiva do sujeito e este possui estruturas cognitivas prévias adequadas sobre determinado objecto de conhecimento, os esquemas mentais vão ampliando.

Como dissemos anteriormente trabalhávamos com duas turmas e como uma professora de primeira viagem, não sabíamos que cada turma é uma turma e tem dinâmicas diferentes, deste modo, usávamos o mesmo plano e estratégias para trabalhar nas duas turmas, isso dificultava a leccionação, até que foi necessário consultar alguns colegas de disciplina e algumas literaturas para poder ultrapassar essa dificuldade, após partilhar as dificuldades com outros professores da disciplina foi possível perceber que o trabalho em equipa é fundamental para o crescimento e melhoria da qualidade de ensino.

Em jeito de conclusão percebemos que a relação professor e aluno devem ser harmónica e afectuosa, o professor também deve exercer sua autonomia, mas sem autoritarismo, respeitando as dificuldades do aluno e participando da sua vida. Observamos também, que a actuação do professor no processo de ensino-aprendizagem não pode ser restrita a repassar conhecimento, mas orientar e valorizar as habilidades do aluno. Freire (1996) diz que “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. O professor aberto às indagações dos alunos e a curiosidade.

## CONCLUSÃO

Durante o período do estágio, foi possível observar a estrutura física da escola. De acordo com a classificação proposta pelo Regulamento do Ensino Secundário Geral, no artigo 7, número 3, o estabelecimento de ensino em alusão é do tipo C, uma vez que possui menos de 20 salas de aulas. Partindo destas perspectivas, podemos observar que o ambiente escolar, precisamente, as salas de aulas da Escola Secundária Mártires de Mbuzine, respondem positivamente as exigências. Sobre o processo de planificação das aulas, o plano (diário e quinzenal) desempenharam um papel importante durante o estágio, pois constatamos que alguns planos analíticos que recebemos durante os dois trimestres vinham com algumas falhas, algumas actividades repetidas, objectivos gerais no lugar dos específicos essas falhas só foram constatadas através do processo de planificação quinzenal. Portanto percebemos que é tarefa do professor ter o pleno domínio das organizações sistemáticas de funcionamento do planeamento didáctico para poder intervir nas situações técnicas académicas e pedagógicas da escola.

Relativamente ao processo de mediação da língua portuguesa foi necessário utilizar algumas actividades como: leitura de textos, a produção escrita, a oralidade e a análise linguística. Todavia percebemos que os alunos tinham dificuldades de leitura da língua não respeitavam os sinais de pontuação e os acentos gráficos nas palavras, foi necessário sempre respeitar os momentos de aula como formas de ultrapassar as dificuldades dos alunos, foi necessário apresentar o tema aos alunos, explorar o nível de percepção do conteúdo através da recapitulação das aprendizagens anteriores, explicação dos conteúdos e fenómenos que iriam garantir a sistematização deles no intelecto do aluno, possibilitando a clareza e armazenamento do mesmo conhecimento para posterior utilização.

No caso do processo de avaliação que estivemos envolvidos enfrentamos algumas dificuldades relativamente as avaliações orais e de perguntas abertas, verificamos que os alunos tendem a resistir a mudança, pois estão acostumados as avaliações escritas de perguntas fechadas (multipla-escolha) portanto foi necessário incutir nos alunos a importância das avaliações orais e escritas, trazendo pontos como: as avaliações orais e escritas ajudam no esclarecimento de dúvidas imediatas, ajudam a exercitar a escrita, a ter um senso critico, a linguagem usada é clara e simples, deixando o aluno avaliado mais a vontade e permitindo que os outros tenham uma melhor compreensão sobre o que está a se explicar.

Por fim no processo das aprendizagens construídas percebemos que para que haja sucesso no processo de ensino e aprendizagem a relação professor e aluno devem ser harmónica e afectuosa., o professor também deve exercer sua autonomia, mas sem autoritarismo, respeitando as dificuldades do aluno e participando da sua vida. Observamos também, que a actuação do professor no processo de ensino-aprendizagem não pode ser restrita a repassar conhecimento, mas orientar e valorizar as habilidades do aluno.

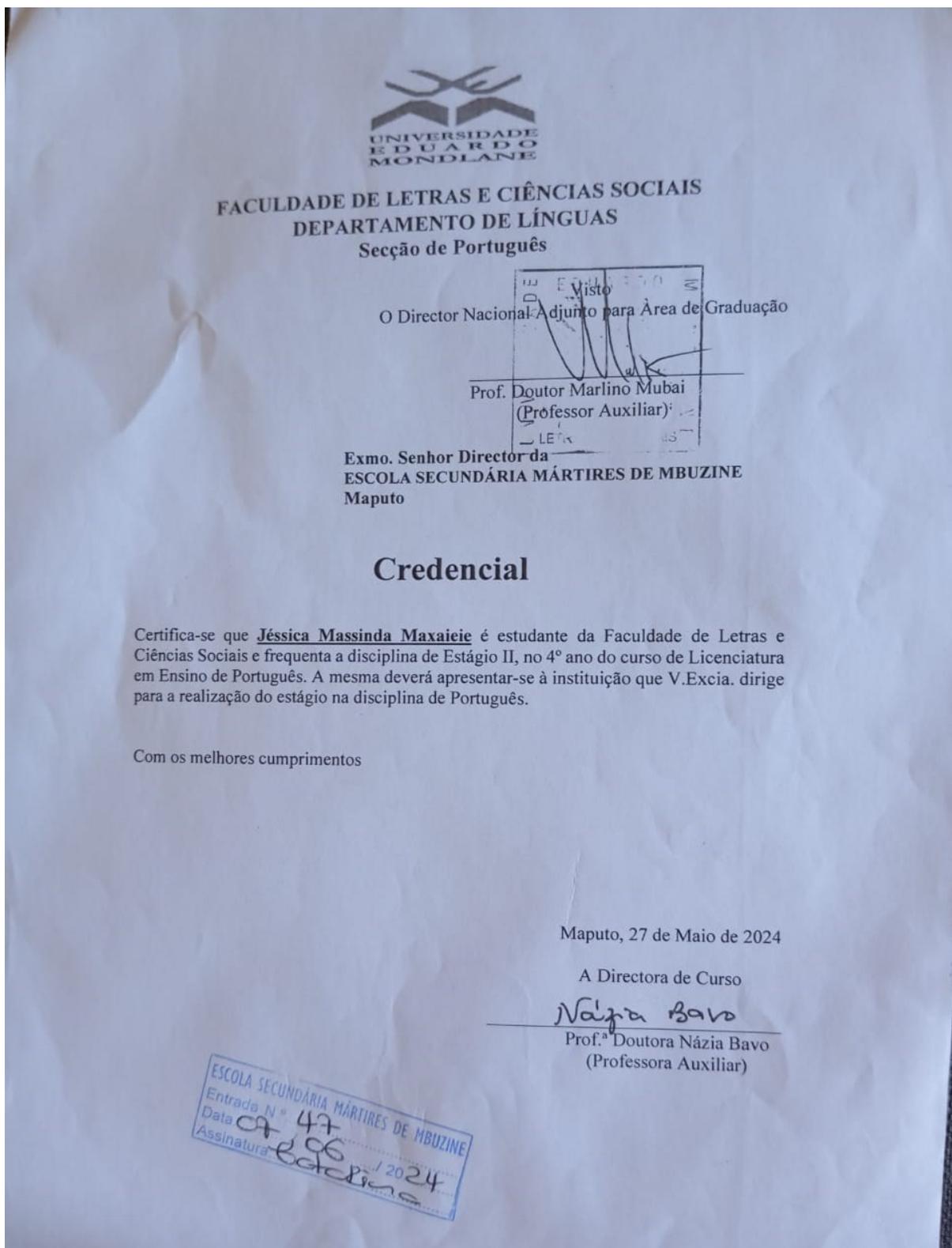
## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Antunes, C. (2002). *A Avaliação da Aprendizagem Escolar*. Cortez.
- Aurélio, B. (1999). *Dicionário da língua portuguesa*. Vozes.
- Brodin, C. (1978). *Utilização do laboratório*. Sobral.
- Cortesão, L. (1993). *A avaliação formativa – que desafios? Cadernos Pedagógicos*. Virelva.
- Domingos, A.M.; Neves, L.P.; Galhardo, L. (1987) *Uma forma de estruturar o ensino*. Realize.
- Erickson E.H. (1972). *Infância e sociedade*. Arned.
- Ferreira, A.B.H. (1999). *Aurélio Século XXL: O dicionário da língua portuguesa*. Nova fronteira.
- Ferrão, D. (2001) *Organizacao das salas de aulas*. Arned.
- Freire, Paulo. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Paz e terra.
- Garcez, L. H. (1999). *A leitura na vida contemporânea*. Inep.
- Garcez, L. (2002). *Técnicas de redacção*. Martins Fontes.
- Goncalves, P. (2007). *Pesquisa sobre a génese das variedades de línguas coloniais e instrumentos de análise*. Porto.
- Hernández, F. (1998). *Transgressão e mudança na educação. Os projectos de trabalho*.
- Hernández, G & Retlán, C. (2001) *Aprendo a escribir 2*. Madrid.Sgel.
- Leite F. (2005). *Planificação de aula*. Inep.
- Libâneo, J. C. (1994). *Didática*. Cortez.
- Libâneo, J. C. (2001) *Organização e Gestão da Escola. Teoria e Prática*. Alternativa.
- Libâneo, J. C. (2001) “ *O sistema de organização e gestão da escola*” *Organização e Gestão da Escola - teoria e prática*. Alternativa.
- Lopes da S. & Sá, I. (2007). *Auto- regulação da aprendizagem. Das concepções às práticas*. Veiga.
- Nivagara, D. (2004) *Didáctica geral*. Hucitec.
- Pacheco, J. (1990). *Planificação didáctica: Uma abordagem prática*. Braga: Centro de Estudos Educacionais e Desenvolvimento Comunitário - Universidade do Minho.
- Piaget, J. (1975). *A equilibração das estruturas cognitivas*. Zahar.
- Piletti, C. (2004). *Didáctica geral*. Editora Ática.
- Russell, M. K., Peter W. (2014). *Avaliação em Sala de Aula: Conceitos e aplicações*. Amgheditora.
- Regulamento, O.F.E.S. (2023). Porto editores.

- Sanaai, D. (2010) *Sistema nacional de educação articulada do plano nacional de educação*. Editora Ática.
- Sava, S. A. (2002) *Causes and effects of teacher conflict- inducing attitudes towards pupils. A path analysis model*. Teaching and Teacher Education. Lusin.
- Sercundes, M. (2000). *Ensinando a escrever, Aprender e ensinar com textos*. Chiappini.
- Shores, N. e & Grace, C. (1998) *Portfólio: um guia passo a passo para o professor*. Almedina.
- Spudeit, Daniela. (2014). *Elaboração do plano de ensino e do plano de aula*. Editora etica.
- Tavares M. (2000). *Gestões estratégicas*. Amgle Editora.
- Telmo C. (2000). *Cultura profissional dos professores*. Edições Asa.
- Tyler, R.W. (1949) *princípios básicos do currículo e instrução* Chicago. Press.
- Veiga, F. (2007) *Indisciplina e Violência na Escola: Práticas Comunicacionais Para Professores*. Livraria Almedina.
- Veiga, S. A. M. & Dias, D.O (2007). *Conhecimento estratégico e a auto-regulação do aprendiz*. Livraria Almedina.
- Vieira, M. O. (2002) *Portfólio: Uma proposta de avaliação como reconstrução do processo de aprendizagem*. Fanc.
- Vilar, A. (1992). *O professor panificador*: Edições ASA.

# **ANEXOS**

Anexo a – credencial



## Anexo b – Relatório de estágio

**República de Moçambique**  
**Cidade de Maputo**  
**Conselho dos Serviços de Representação do Estado**  
**Serviço de Assuntos Sociais**  
**Distrito Municipal KaMubukwana**  
**Escola Secundária Mártires de Mbuze**

**Relatório de Estágio Supervisionado**

A direcção da escola supracitada informa que o (a) Jéssica Mariana Machava, realizou o Estágio Pedagógico, entre os dias 07 / 06 / 2024 e 08 / 11 / 2024, tendo concluído o processo com a classificação que se segue:

Itens ponderados	Valores
1 Pontualidade	13
2 Assiduidade	13
3 Planificação conjunta e individual	15
4 Apresentação pessoal e postura	13
5 Aspecto científico ou domínios dos conteúdos	13
6 Gestão da turma	13
7 Instrução e mediação de aulas	13
8 Correção da expressão oral e escrita dos educandos	16
9 Classificação final (Média)	14

**Observação** Professora dedicada, se entrega ao trabalho, preparada para os desafios do processo de ensino e aprendizagem.

Maputo, aos 15 de Novembro de 2024

O (a) professor (a) titular Líndia B. Matavele

O (a) Director (a) Adjunto da Escola André Afonso



Anexo c - plano quinzenal

República De Moçambique  
 Conselho de Representação do Estado na Cidade de Maputo  
 Direcção de Educação e Desenvolvimento Humano da Cidade de Maputo  
 ESCOLA SECUNDARIA MARTIRES DE MBUZINE  
 Planificação Quinzenal

Visto da Direcção Pedagógica  
*S. Xavier*  
 Maputo 4/7/2024

Disciplina de Língua Portuguesa Classe 11ª Trimestre II Quinzena de 01/07 a 12/07/2024

Semana Lectiva	Unidade Temática	Conteúdo Programado	Objetivos	Metodologia de Ensino e meios Auxiliares	Nº de Aulas	Observ.
01/07/2024 05/07/2024	Textos multisséculos	Texto específico: - Texto expositivo/argumentativo	Interpretar textos expositivos argumentativos, orais/escritos - Analisar textos expositivos considerando a apresentação e a organização e o tipo de linguagem	- Ler e analisar textos expositivo-argumentativos - Elaborar textos desta tipologia.	5	
08/07/2024 12/07/2024		Funcionamento da língua - Concordância verbal: Orações subordinadas sem sujeito expresso: sujeito posposto ao verbo; Verbos impessoais (haver; tratar-se de; bastar que) sujeitos complexos pronomes relativos com a função de sujeito. Realização da 2ª A.E.S.	Construir frases com orações subordinadas sem sujeito expresso; Produzir frases com sintagmas	Formar frases.	5	

O Delegado de Disciplina *União* Maputo, 27 / 06 / 2024

## Anexo d - ACS



ESCOLA SECUNDÁRIA MÁRTIRES DE MBUZINE  
2º ACS da Língua Portuguesa/ 11ª Classe

1º Trimestre / Data: \_\_\_/\_\_\_/20\_\_\_

Nome do aluno: Joana Fernando

Classificação  
(64) Valores  
Prof.: Jessica  
Enc.:  
Turma: B2-2 N.º 12

**Grelha de respostas**

Pergunta	<del>7</del>	<del>8</del>	<del>9</del>	<del>10</del>	<del>11</del>	<del>12</del>	<del>13</del>	<del>14</del>	<del>15</del>	<del>16</del>	<del>17</del>
Resposta	<del>A</del>	<del>B</del>	<del>B</del>	<del>A</del>	<del>A</del>	<del>A</del>	<del>A</del>	<del>B</del>	<del>C</del>	<del>C</del>	<del>B</del>
Pergunta	<del>18</del>	<del>19</del>	<del>20</del>	<del>21</del>	<del>22</del>	<del>23</del>	<del>24</del>	<del>25</del>	<del>26</del>	<del>27</del>	
Resposta	<del>A</del>	<del>B</del>	<del>B</del>	<del>B</del>	<del>C</del>	<del>B</del>	<del>B</del>	<del>B</del>	<del>B</del>	<del>B</del>	

**Para África tudo serve**

A África é o continente em que a máxima de Lavoisier - na natureza nada se perde, tudo se transforma - assenta como uma luva. Este continente, como pobre que é, torna-se o espaço de todas as reciclagens e a ele tudo chega em segunda, terceira, quarta e quinta mão. Tudo o que não serve ou está desatualizado no chamado mundo desenvolvido chega a África e, qual toque de midas, vira ouro.

Diz o ditado que “a cavalo dado não se olha o dente”, ou seja, é feio reclamar ofertas. Por isso, chega leite fora de prazo, chegam medicamentos nos países onde foram fabricados, chegam brinquedos que a civilizada Europa não certifica com selo de segurança, chegam roupas esfarrapadas, chegam carros sem as mínimas condições para circular, chegam máquinas para a construção civil em tal estado de degradação que basta imprudente manuseamento para que aconteça uma tragédia, chegam armas que, de tão desgastadas, se viram facilmente contra quem as utiliza, e muito mais grave, aviões que não passam pela inspeção há um bom par de anos e que, certamente, nunca passariam numa vistoria séria.

O europeu chega a África e transforma, passa de mão em mão e é sempre apresentado como novo. Os carros, no nosso país são um bom exemplo disso. A maioria deles, se fosse na Europa ou América, nem estariam autorizados a circular e o dono teria de pagar para o reboque o retirar da porta. Aqui, chegam a valer dois mil e tal dólares. Como dizia o meu avô, “não há nada mais caro na vida do que ser pobre”, pois com as constantes reparações, paga-se três vezes o preço do veículo.

Na madrugada da última terça-feira, um Airbus da companhia aérea Yemenita, do Iémen despenhou-se ao largo do arquipélago das Comores, a norte de Moçambique. Até 2007, este aparelho voava constantemente para Europa, mais concretamente para Paris. Depois disso, foram lhes detectadas várias irregularidades que, mais dias, menos dias, iriam interditi-lo de aceder ao espaço aéreo Europeu. À cautela, a companhia achou por bem voar para os países da zona e... para África, aquele continente que tudo aceita. Ainda em 2007, os inspetores franceses constataram a existência de “um certo número de defeitos” quando inspeccionaram a aeronave. “Desde então, o aparelho foi vistoriado por nós”, referiu um responsável gaulês, logo após o acidente. A companhia iemenita ainda não estava na lista negra da instituição Europeia que supervisionava as condições das aeronaves, mas para lá caminhava. Parece que o avião só servia para transportar africanos. Aqueles que nunca reclamam.

*João Vaz ir Almada, in A Verdade, 3 de Junho de 2009*

- 1- De acordo com o texto, tudo o que chega a África é proscrito.  
a) Que razões apresenta o cronista para justificar esta situação?

$\frac{0,10}{1,15}$

- 2- Por que motivo alude o cronista ao provérbio: «a cavalo dado não se olha o dente»?

$\frac{0,10}{1,10}$

Nunca deixe o teste em branco!

3. «[...] chegam brinquedos que a civilizada Europa não certifica com selo de segurança»  
a) Que implicações tem a falta de certificação?

$\frac{0,10}{1,10}$

4. A crônica faz, fundamentalmente, uma crítica que exige uma acção futura.  
a) O que critica o cronista?

R: Em muitas casas, esta crítica não é apenas uma constatação do problema, mas uma chamada à acção, como uma forma de disputar o litano....

5. Qual é o objetivo da mensagem do texto?

$\frac{0,10}{1,10}$

6. Classifica o presente texto quanto ao tipo de crônica. Justifica.

$\frac{1,10}{1,15}$  O tipo de crônica é dissertativa. Porque aborda sobre assuntos de politica e aborda sobre como se encontra uma determinada coisa.

Anexo e - ACS



ESCOLA SECUNDÁRIA MÁRTIRES DE MBUZINE  
2ª ACS da Língua Portuguesa/ 11ª Classe

1º Trimestre / Data: 13/09/2024

Nome do aluno: Faira Rufina

Classificação

\_\_\_\_\_  
Valores

Prof.: Jéssica

Enc.: \_\_\_\_\_

Turma: B2.1 Nº \_\_\_\_\_

**Grelha de respostas**

Pergunta	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
Resposta	<del>D</del>	<del>D</del>	<del>B</del>	<del>C</del>	<del>A</del>	<del>A</del>	<del>A</del>	<del>C</del>	<del>C</del>	<del>A</del>	<del>A</del>
Pergunta	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	
Resposta	<del>D</del>	<del>B</del>	<del>B</del>	<del>B</del>	<del>C</del>	<del>B</del>	<del>E</del>	<del>C</del>	<del>K</del>	<del>A</del>	

0.6

**Para África tudo serve**

A África é o continente em que a máxima de Lavoisier - na natureza nada se perde, tudo se transforma - assenta como uma luva. Este continente, como pobre que é, torna-se o espaço de todas as reciclagens e a ele tudo chega em segunda, terceira, quarta e quinta mão. Tudo o que não serve ou está desactualizado no chamado mundo desenvolvido chega a África e, qual toque de midas, vira ouro.

Diz o ditado que “a cavalo dado não se olha o dente”, ou seja, é feio reclamar ofertas. Por isso, chega leite fora de prazo, chegam medicamentos nos países onde foram fabricados, chegam brinquedos que a civilizada Europa não certifica com selo de segurança, chegam roupas esfarrapadas, chegam carros sem as mínimas condições para circular, chegam máquinas para a construção civil em tal estado de degradação que basta imprudente manuseamento para que aconteça uma tragédia, chegam armas que, de tão desgastadas, se viram facilmente contra quem as utiliza, e muito mais grave, aviões que não passam pela inspecção há um bom par de anos e que, certamente, nunca passariam numa vistoria séria.

O europeu chega a África e transforma, passa de mão em mão e é sempre apresentado como novo. Os carros, no nosso país são um bom exemplo disso. A maioria deles, se fosse na Europa ou América, nem estariam autorizados a circular e o dono teria de pagar para o reboque o retirar da porta. Aqui, chegam a valer dois mil e tal dólares. Como dizia o meu avô, “não há nada mais caro na vida do que ser pobre”, pois com as constantes reparações, paga-se três vezes o preço do veículo.

Na madrugada da última terça-feira, um Airbus da companhia aérea Yemenita, do lémen despenhou-se ao largo do arquipélago das Comores, a norte de Moçambique. Até 2007, este aparelho voava constantemente para Europa, mais concretamente para Paris. Depois disso, foram lhes detectadas várias irregularidades que, mais dias, menos dias, iriam interditi-lo de aceder ao espaço aéreo Europeu. Á cautela, a companhia achou por bem voar para os países da zona e... para África, aquele continente que tudo aceita. Ainda em 2007, os inspectores franceses constataram a existência de “um certo número de defeitos” quando inspeccionaram a aeronave. “Desde então, o aparelho foi vistoriado por nós”, referiu um responsável gaulês, logo após o acidente. A companhia iemenita ainda não estava na lista negra da instituição Europeia que supervisionava as condições das arenáveis, mas para lá caminhava. Parece que o avião só servia para transportar africanos. Aqueles que nunca reclamam.

*João Vaz ir Almada, in A verdade, 3 de Junho de 2009*

1- De acordo com o texto, tudo o que chega a África é proscrito.

a) Que razões apresenta o cronista para justificar esta situação?

1,5  
1,5 Este continente como pobre que é, torna-se o espaço de todas as reciclagens e a ele tudo chega em segunda, terceira, quarta e quinta mão, tudo o que não serve ou está desatualizado no chamado mundo desenvolvido a África, e qual tipo de medidas acha ouro.

2- Por que motivo alude o cronista ao provérbio: «a cavalo dado não se olha o dente»?

0,5  
1,0 Porque pelo facto de ser feito reclamar ofertas chega muito fora do prazo, chegam medicamentos nos países onde foram fabricados, chegam roupas esfarrapadas e tudo o que não serve.

3. «[...] chegam brinquedos que a civilizada Europa não certifica com selo de segurança»

a) Que implicações tem a falta de certificação?

1,0  
1,0 A falta de certificação faz com que os objectos que chegam ao continente africano não estejam em boas condições para o uso, e não são objectos seguros, a maior parte está desgastado.

4. A crónica faz, fundamentalmente, uma crítica que exige uma acção futura.

a) O que critica o cronista?

1,0  
1,4 O cronista critica o facto de África ser um continente que nunca reclama, e por ser pobre torna-se o espaço de todas as reciclagens e de tudo o que já não serve nos continentes desenvolvidos.

5. Qual é o objetivo da mensagem do texto?

0,5  
1,0 O objetivo da mensagem do texto é demonstrar o quão pobre é considerado o continente africano e que por essa razão são criados objectos sem condições para o uso, por ser considerado o continente daqueles que nunca reclamam.

6. Classifica o presente texto quanto ao tipo de crónica. Justifica.

1,0  
1,5 O texto quanto ao tipo de crónica é dissertativa. Porque aborda assuntos relacionados a política.  
dissertativa

## Anexo f – Guião de correcção

### Guião de correcção

A) O cronista justifica essa situação pelo facto de África ser um espaço de todas as reciclagens; tudo chega a segunda, terceira, quarta e quinta mão; tudo que não serve ou está desactualizado no chamado mundo desenvolvido chega à África. (1.5)

Porque é feio reclamar ofertas, quando somos oferecidos algo nos basta somente agradecer e não criticar. (1.0)

A) A falta de certificação dos brinquedos pode causar mau manuseamento e, consequentemente gerar acidentes. (1.0)

A) O cronista critica o facto de os africanos nunca reclamarem de nada, aceitam tudo que os europeus trazem a África. (1.4)

O texto tem como objectivo dar a conhecer ao público acerca dos produtos e bens que chegam à África bem como alertar sobre os perigos que estes produtos degradados podem causar. (1.0)

É uma crónica dissertativa, pois o autor apresenta uma opinião explícita, com argumentos mais sentimentalistas (1.5)

7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
D	D	B	A	A	A	A	A	C	C	B
18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	
A	B	C	B	C	C	C	D	D	A	

(0.6)

# APÊNDICES

**Apêndice A – plano de aula diária**

**PLANO DE AULA**

**ESCOLA SECUNDÁRIA MÁRTIRES DE MBUZINE**

**Professora: Jéssica Massinda** 11ª Classe

**Disciplina:** Língua portuguesa **Duração:** 90min

**Unidade temática:** Textos jornalísticos **Tipo de Aula:** Introdutória

**Tema:** crónica

- Tipos e características da crónica.

**Data:** 17/06/2024

**Objectivos específicos** – O aluno deve ser capaz de:

Definir crónica;

Identificar os tipos de crónica;

Interpretar as características da crónica;

<b>TEMP O</b>	<b>FUNÇÃO DIDÁCTICA</b>	<b>Conteúdo</b> s	<b>ACTIVIDADES</b>		<b>SUGESTÃO S METODOL ÓGICAS</b>	<b>SUGESTÕES DE MATERIAL</b>
			<b>PROFESSOR</b>	<b>ALUNO</b>		

10 min	<b>Introdução</b> e <b>Motivação</b>	Saudação aos alunos. Controlo das presenças Resumo da aula passada; Correcção do trabalho de casa;	- Responde a saudação do aluno;  -Faz a chamada  - Orienta o resumo da aula passada;	- Saúda o professor;  -Responde à chamada;  -Faz um breve resumo da aula anterior.  - Faz a correcção do trabalho de casa;	Elaboração conjunta	Quadro Giz Apagador
40min	<b>Mediação</b> e <b>Assimilação</b>	Tema: Crónica: - Tipos e característica das crónicas.	- Orienta uma conversa para recolher os conhecimentos prévios  -Expõe o tema no quadro;  -Explora o conhecimento do aluno	- Responde a conversa orientada pelo professor;  -Regista o tema no caderno  - Responde algumas questões dizendo:	Elaboração conjunta	Quadro Giz Apagador  Ficha de apoio.

			<p>-Questiona sobre os tipos de crónicas:</p> <p>- O que é crónica?</p> <p>- Quais são os tipos?</p> <p>-Pede um aluno para ler uma crónica narrativa na ficha de apoio;</p> <p>-Faz algumas perguntas relacionadas com as</p>	<p>- <b>Crónica</b> – é um género textual curto escrito em prosa geralmente produzido para meios de comunicação.</p> <p><b>Os tipos de crónica são:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Crónica descritiva;</li> <li>- Crónica narrativa;</li> <li>- Crónica dissertativa;</li> <li>- Crónica narrativa-descritiva;</li> <li>- Crónica humorística;</li> </ul> <p>-O aluno responde oralmente</p>	Elaboração conjunta	
--	--	--	--	--	---------------------	--

			características das crónicas;			
<b>30min</b>	<b>Domínio e Consolidação</b>	Exercícios de aplicação	<p>- Escreve exercícios no quadro</p> <p>1. O que é uma crónica?</p> <p>2. Indique os tipos de crónica.</p> <p>3. Descreve os tipos de crónica que aprendeu.</p> <p>- Lê e interpreta a crónica dissertativa da ficha de apoio.</p>	<p>-Passa os exercícios para o caderno.</p> <p>-Resolve os exercícios.</p> <p>- Expõe dúvidas caso tenha</p>	Trabalho independente e elaboração conjunta	<p>Caderno diário do aluno</p> <p>Ficha de apoio;</p>

			-Anda de carteira em carteira para verificar a actividade			
<b>10 min</b>	<b>Controlo e Avaliação</b>	-Marcação do TPC  -Síntese da aula e elaboração do sumário	-orienta o aluno a correcção dos exercícios no quadro;  - Orienta o resumo da aula;	-O aluno faz a síntese e elabora o sumário  Acompanha a orientação do professor e Regista o TPC	Elaboração Conjunta	Caderno diário do aluno  Ficha de apoio.

			- Escreve o trabalho de casa no quadro;			
--	--	--	---	--	--	--

**Referências – Manual do aluno.**

**Apêndice B – plano de aula diária.**

**PLANO DE AULA**

**ESCOLA SECUNDÁRIA MÁRTIRES DE MBUZINE**

**Professora: Jéssica Massinda** 11ª Classe

**Disciplina:** Língua portuguesa **Duração:** 90min

**Unidade temática:** Textos de pesquisa de dados **Tipo de Aula:** Introdutória

**Tema:** Ficha de leitura

**Data:** 30/07/2024

**Objectivos específicos** – O aluno deve ser capaz de:

Definir ficha de leitura;

Identificar os tipos de ficha de leitura;

Redigir ficha de leitura;

Tempo	Função Didáctica	Conteúdos	Actividades		Sugestões Metodológicas	Sugestões De Material
			PROFESSOR	ALUNO		
10 min	Introdução	Saudação aos alunos. Controlo das presenças Resumo da aula passada;	- Responde a saudação do aluno;  -Faz a chamada	-Responde a saudação;  -Responde à chamada;  -Faz um breve resumo da aula anterior.	Elaboração conjunta	Quadro Giz Apagador



			<p>- O que é ficha de leitura?</p> <p>- Quais são os tipos?</p> <p>-Pede um aluno para ler ma ficha</p> <p>-Faz algumas perguntas relacionadas com a ficha de leitura;</p>	<p>todas as referências bibliográficas relativas a um artigo;</p> <p>- Os tipos de ficha de leitura são: ficha bibliográfica, ficha de resumo, ficha de citação;</p> <p>-O aluno responde oralmente</p>		
--	--	--	--	---	--	--

30min	<b>Domínio e Consolidação</b>	Exercícios de aplicação	<p>- Escreve exercícios no quadro</p> <p>1. o que é uma ficha de leitura?</p> <p>2. Leia a ficha de leitura da ficha de apoio e responde as questões.</p> <p>3. Redija uma ficha de leitura.</p> <p>-Orienta a resolução dos exercícios;</p> <p>-Anda de carteira em carteira para</p>	<p>-Passa os exercícios para o caderno.</p> <p>-Resolve os exercícios.</p> <p>- Expõe dúvidas caso tenha</p>	Trabalho independente e elaboração conjunta	<p>Caderno diário do aluno</p> <p>Ficha de apoio;</p>
-------	-------------------------------	-------------------------	--	--	---	---

			verificar a actividade			
<b>10 min</b>		-Marcação do TPC	-orienta o aluno a correcção dos	-O aluno faz a síntese e elabora o sumário		Caderno diário do aluno

	<b>Controlo e Avaliação</b>	-Síntese da aula e elaboração do sumário	exercícios no quadro;  - Orienta o resumo da aula;  - Escreve o trabalho de casa	Acompanha a orientação do professor e Regista o TPC	Elaboração Conjunta	Ficha de apoio.
--	-----------------------------	--	--	---	---------------------	-----------------